

Para meu pai

*E agora passeia teu olhar por Samarcanda!
Ela não é a rainha da Terra? Altiva, superior a todas as cidades,
e com o destino delas nas mãos?*

EDGAR ALLAN POE (1809–1849)

LIVRO UM
Poetas e amantes
13

LIVRO DOIS
O paraíso dos Assassinos
109

LIVRO TRÊS
O fim do milênio
189

LIVRO QUATRO
Um poeta no mar
263

No fundo do Oceano Atlântico há um livro. É sua história que vou contar.

Talvez você conheça o desfecho, os jornais contaram na época, algumas obras também registraram o fato: quando o Titanic naufragou, na noite de 14 para 15 de abril de 1912, na costa da Terra Nova, a mais ilustre das vítimas foi um livro, o único exemplar do *Rubaiyat*, de Omar Khayyam, cientista, poeta e astrônomo persa.

Do naufrágio falarei pouco. Outros antes de mim avaliaram o infortúnio em dólares, outros antes de mim inventariaram devidamente cadáveres e últimas palavras. Seis anos depois, minha única obsessão é esse ser de carne e tinta de que fui, por um momento, o indigno depositário. Afinal, não fui eu, Benjamin O. Lesage, quem o arrancou de sua Ásia natal? Não foi junto com minha bagagem que ele embarcou no Titanic? E seu percurso milenar, quem o interrompeu senão a arrogância do meu século?

Desde então, o mundo se cobriu cada vez mais de sangue e sombra, e para mim a vida deixou de sorrir. Tive que me afastar dos homens para escutar apenas as vozes das lembranças e acalantar uma esperança ingênua, uma visão insistente: amanhã o encontrarão. Protegido por sua caixa de ouro, emergirá intacto das opacidades marinhas, seu destino enriquecido com uma nova odisseia. Dedos poderão tocá-lo, abri-lo, mergulhar nele; olhos cativos seguirão de margem a margem a crônica de sua aventura, descobrirão o poeta, seus primeiros versos, sua primeira embriaguez, seus primeiros assombros. E a seita dos Assassinos. Então se deterão, incrédulos, diante de uma pintura cor de areia e esmeralda.

Ela não tem data nem assinatura, nada além destas palavras, arrebatadas ou desiludidas: *Samarcanda, a mais bela face que a Terra já mostrou ao Sol.*

LIVRO
UM

Poetas e
amantes

*Que homem nunca transgrediu Tua Lei, diz?
Uma vida sem pecado, que gosto tem, diz?
Se Tu punes o mal que faço com o mal,
Qual a diferença entre Ti e mim, diz?*

OMAR KHAYYAM

Por vezes, em Samarcanda, ao fim de um dia lento e tristonho, os cidadãos desocupados vêm rondar o beco das duas tavernas, perto do mercado das pimentas, não para beber o vinho almiscarado de Sogdiana, mas para espiar o vaivém ou para brigar com algum bêbado. O homem, então, é arrastado pelo chão, coberto de insultos, condenado a um inferno cujo fogo o lembrará até o fim dos tempos do brilho avermelhado do vinho tentador.

De um incidente como esse nascerá o manuscrito do *Rubaiyat* no verão de 1072. Omar Khayyam tem 24 anos e chegou há pouco a Samarcanda. Será que foi à taverna naquela noite por decisão própria ou uma caminhada a esmo o levou até lá? Fresco prazer de percorrer uma cidade desconhecida, olhos abertos para os mil tons do fim do dia: rua do Campo-de-Ruibarbo, um garoto dispara, pés descalços sobre as pedras grandes do calçamento, segurando com o pescoço uma maçã roubada em alguma loja; mercado dos tecidos, numa sobreloja, uma partida de *nard* disputada ainda sob a luz de um lampião, dois dados jogados, um palavrão, um riso abafado; arcada dos cordoeiros, um tropeiro se detém perto de uma fonte, deixa a água fresca escorrer entre as palmas das mãos unidas, em seguida se curva, lábios em bico, como se fosse beijar a testa de uma criança dormindo; depois de matar a sede, passa as palmas molhadas pelo rosto, murmura um agradecimento, pega uma me-

lancia com o interior raspado, enche de água e leva para que seu animal também possa beber.

Praça dos vendedores de tabaco, uma mulher grávida aborda Khayyam. Traz o véu levantado, tem quinze anos no máximo. Sem dizer uma palavra, sem um sorriso nos lábios ingênuos, toma das mãos dele um punhado de amêndoas torradas que Khayyam acabara de comprar. O passante não se surpreende; há uma crença antiga em Samarcanda: quando uma futura mãe encontra na rua um estrangeiro que lhe agrada, deve ter a ousadia de partilhar o que ele come, assim a criança será tão bonita quanto ele, com o mesmo porte esbelto, os mesmos traços nobres e regulares.

Omar fica mastigando orgulhosamente as amêndoas que sobram enquanto vê a desconhecida se distanciar. Um clamor chega até seus ouvidos e o insta a se apressar. Logo está no meio de uma multidão desembestada. Um velho com longos membros esqueléticos já está no chão, cabeça descoberta, cabelos brancos esparsos sobre um crânio bronzeado; de raiva, de medo, seus gritos são apenas um gemido prolongado. Seus olhos suplicam ao recém-chegado.

Em volta do infeliz, cerca de vinte homens, barbas revoltas, bastões vingadores, e, à distância, um círculo de espectadores exultantes. Um deles, vendo a expressão escandalizada de Khayyam, diz em tom tranquilizador: “Não é nada, é só Jabir, o Comprido”. Omar se espanta, um tremor de vergonha atravessa sua garganta, sussurra: “Jabir, o companheiro de Abu-Ali!”.

Nome bem comum, Abu-Ali. Mas quando um erudito, em Bukhara, Córdoba, Balkh ou Bagdá, o menciona assim, em tom de familiar deferência, não existe confusão possível sobre o personagem: trata-se de Abu-Ali Ibn-Sina, célebre no Ocidente sob o nome de Avicena. Omar não o conheceu, nasceu onze anos depois de sua morte, mas venera-o como o mestre incontestado de sua geração, o detentor de todas as ciências, o apóstolo da Razão.

Khayyam diz novamente: “Jabir, o discípulo preferido de Abu-Ali!”. Pois, mesmo vendo-o pela primeira vez, não ignora seu destino angustiante e exemplar. Avicena via nele seu sucessor, tanto na medicina como na metafísica, admirava a força de seus

argumentos; condenava-o apenas por professar tão forte e agressivamente suas ideias. O defeito valera a Jabir várias temporadas na prisão e três flagelações públicas, a última na Grande Praça de Samarcanda, 150 chibatadas de nervo de boi na presença de sua família. Ele nunca se recuperou da humilhação. Em que momento teria passado da imprudência para a demência? Na certa, quando sua mulher morreu. Era visto desde então vagando em farrapos, titubeante, gritando blasfêmias. Nos calcanhares dele, grupos de garotos riam e batiam palmas, jogavam pedras pontudas que o feriam até às lágrimas.

Observando a cena, Omar foi levado a imaginar: “Se não tomar cuidado, um dia serei eu esse farrapo”. Não é tanto a embriaguez que teme; sabe que não se entregaria, o vinho e ele aprenderam a se respeitar, nunca um dos dois lançaria o outro ao chão. O que teme principalmente é a multidão, e que ela derrube dentro dele o muro da respeitabilidade. Sente-se ameaçado pelo espetáculo do homem caído, invadido, gostaria de desviar-se, distanciar-se. Sabe, porém, que não abandonará um companheiro de Avicena nas mãos da multidão. Dá três passos lentos, dignos, e adota o tom mais desinteressado para dizer, com voz firme, acompanhada de um gesto soberano:

— Deixem esse infeliz partir!

O líder do bando estava debruçado sobre Jabir; apruma-se e posta-se com ar grave diante do intruso. Uma cicatriz profunda atravessa sua barba, da orelha direita até a ponta do queixo, e é essa face marcada que ele oferece a seu interlocutor ao pronunciar uma espécie de sentença:

— Este homem é um bêbado, um descrente, um *filassuf*!

Disse a última palavra como uma imprecisão.

— Não queremos mais nenhum *filassuf* em Samarcanda!

Um murmúrio de aprovação percorre a turba. Para aquela gente, o termo “filósofo” designa todos os que se interessam demais pelas ciências profanas dos gregos, e mais amplamente por tudo o que não seja religião ou literatura. Apesar da pouca idade, Omar Khayyam já é um eminente *filassuf*, uma presa muito maior do que o infeliz Jabir.

Na certa, o Cicatriz não o reconheceu, pois lhe deu as costas, voltou a se debruçar sobre o velho, que estava mudo, pegou-o pelos cabelos, sacudiu sua cabeça três, quatro vezes, dando a impressão de que ia esmagá-la contra a parede mais próxima, e de repente a soltou. Apesar de brutal, foi um gesto contido, como se o homem, mesmo mostrando determinação, hesitasse em cometer o homicídio. Khayyam escolheu esse momento para se intrometer outra vez.

— Deixe esse velho, é um viúvo, um doente, um louco, não vê que ele mal consegue mexer os lábios?

O líder se levantou com um pulo, avançou na direção de Khayyam, enfiou o dedo em sua barba:

— Você, que parece conhecê-lo tão bem, quem é? Você não é de Samarcanda. Ninguém nunca o viu nesta cidade.

Omar afastou a mão do interlocutor com condescendência, sem brutalidade, para mantê-lo sob controle sem lhe dar motivo para briga. O homem recuou um passo, mas insistiu:

— Qual é o seu nome, estrangeiro?

Khayyam hesita em se submeter, procura uma saída, levanta os olhos para o céu, onde uma nuvem clara acaba de encobrir a lua crescente. Um silêncio, um suspiro. Abandonar-se à contemplação, nomear cada uma das estrelas, estar longe, protegido das multidões!

Logo o grupo o cerca, algumas mãos já encostam nele, volta a si.

— Sou Omar, filho de Ibrahim de Nichapur. E você, quem é?

Pura formalidade; o homem não tem a menor intenção de se apresentar. Está em sua cidade, é o inquisidor. Depois Omar saberá seu nome, chamam-no o Estudante da Cicatriz. Um porrete na mão, uma frase na boca, no futuro fará Samarcanda tremer. Por enquanto, sua influência se restringe aos jovens que o cercam, atentos a suas palavras, ao menor sinal seu.

Em seus olhos, um brilho repentino. Volta-se para seus acólitos. Depois, triunfalmente, para a multidão. Grita:

— Por Deus, como pude não reconhecer Omar, filho de Ibrahim Khayyam de Nichapur? Omar, estrela do Khorassan, o gênio da Pérsia e dos dois Iraques, o príncipe dos filósofos!

Encena uma profunda reverência, gira os dedos dos dois lados de seu turbante, provocando inevitáveis gargalhadas dos espectadores.

— Como pude não reconhecer aquele que compôs este *rubai* tão cheio de piedade e devoção:

Tu acabas de quebrar meu jarro de vinho, Senhor.

Tu me bloqueaste o caminho do prazer, Senhor.

No chão espalhaste meu vinho grená.

Deus me perdoe, estarias Tu bêbado, Senhor?

Khayyam ouve, indignado, inquieto. Uma provocação como aquela é um convite à execução, imediata. Sem perder um segundo, dá sua resposta em voz alta e clara, para que ninguém ali se deixe enganar:

— De sua boca escuto essa quadra pela primeira vez, desconhecido. Mas veja aqui um *rubai* que realmente compus:

Nada, não sabem nada, não querem saber nada.

Olha esses ignorantes que dominam o mundo.

Quando não és um deles, te proclamam descrente.

Não lhes dê atenção, Khayyam, e segue o teu caminho.

Omar certamente errou ao acompanhar seu “Olha” de um gesto desdenhoso na direção de seus adversários. Mãos o alcançaram, pegaram-no pela roupa, que começou a rasgar. Cambaleou. Suas costas foram de encontro a um joelho e bateram numa laje. Esmagado sob a malta, nem ousou se debater, estava resignado a deixar que cortassem suas roupas e transformassem seu corpo em farapos, abandonou-se à suave dormência da vítima imolada, não sentia nada, não ouvia nada, estava trancado em si mesmo, muralha alta de portões fechados.

Viu como intrusos os dez homens armados que vieram interromper o sacrifício. Seus gorros de feltro exibiam a insígnia verde-clara das *ahdath*, a milícia urbana de Samarcanda. Assim que os viram, os agressores se afastaram de Khayyam; mas, para justificar sua conduta, puseram-se a gritar, com a multidão por testemunha:

— Alquimista! Alquimista!

Aos olhos das autoridades, ser filósofo não é crime, mas praticar a alquimia é passível de morte.

— Alquimista! Esse estrangeiro é um alquimista!

O chefe da patrulha, no entanto, não tem a intenção de discutir.

— Se esse homem é realmente um alquimista — decide —, devemos conduzi-lo ao grande juiz Abu-Tahir.

Enquanto Jabir, o Comprido, esquecido de todos, rastejava em direção à taverna mais próxima e ali entrava, prometendo-se nunca mais aventurar-se do lado de fora, Omar conseguiu se levantar sem a ajuda de ninguém. Caminhou ereto, em silêncio; sua expressão altiva cobria como um véu pudico as roupas despedaçadas e o rosto ensanguentado. Diante dele, milicianos munidos de tochas abriam caminho. Atrás dele, vinham seus agressores, seguidos pelo cortejo de curiosos.

Omar não os vê, não os ouve. Para ele, as ruas estão desertas, a Terra não tem sons, o céu não tem nuvens, e Samarcanda continua sendo o lugar dos sonhos que descobrira dias antes.

Chegara ali depois de três semanas na estrada e, sem descansar, decidira seguir exatamente os conselhos dos viajantes antigos. Suba, convidavam, no terraço do Kuhandiz, a antiga cidadela, passeie amplamente seu olhar, verá apenas água e vegetação, canteiros floridos e ciprestes talhados pelos mais habilidosos jardineiros em forma de bois, elefantes, camelos ajoelhados, panteras que se enfrentam e parecem prontas para saltar. De fato, mesmo de dentro dos recintos, da porta do Monastério, a oeste, até a porta da China, Omar viu apenas pomares cerrados e córregos vivazes. E, aqui e ali, a erupção de um minarete de tijolo, uma cúpula escura cinzelada, a alvura do muro de um belvedere. E, à beira de um lago, escondida por salgueiros-chorões, uma banhista nua que espalhava a cabeleira ao vento ardente.

Não foi essa visão de paraíso que quis evocar o pintor anônimo que, muito depois, ilustrou o manuscrito do *Rubaiyat*? Não é ela que Omar guarda consigo enquanto o levam para o bairro de Asfizar, onde mora Abu-Tahir, o juiz dos juizes de Samarcanda? Para si

mesmo, não se cansa de repetir: “Não detestarei esta cidade. Mesmo que minha banhista seja apenas uma miragem. Mesmo que a realidade tenha a cara do Cicatriz. Mesmo que esta noite fresca possa ser minha última”.

A large, stylized, black-outlined initial letter 'N' that serves as a drop cap for the first paragraph. It has a classic serif font style with a thick vertical stem and a diagonal crossbar.

o amplo escritório do juiz, os candelabros distantes conferem a Khayyam uma tez ebúrnea. Desde que entrou, dois guardas mais velhos seguraram-no pelos ombros como se ele fosse um fanático perigoso. E, nessa postura, ele aguarda perto da porta.

Sentado do outro lado do aposento, o juiz não registrou sua presença, está acabando de resolver um caso, discute com os queixosos, dá razão a um, repreende o outro. Uma antiga rusga entre vizinhos, parece, ressentimentos repisados, argumentos ridículos. Abu-Tahir manifesta seu cansaço ruidosamente, ordena aos dois chefes de família que se abracem ali, diante dele, como se nunca nada os houvesse separado. Um deles dá um passo, o outro, um colosso de testa estreita, rebelase. O juiz lhe dá um tapa na cara, fazendo a assistência tremer. O gigante contempla por um momento a figura gordota, nervosa e agitada, que teve que se esticar para alcançá-lo, depois abaixa a cabeça, limpa o rosto e faz o que o juiz mandou.

Depois de liberar todos eles, Abu-Tahir faz um sinal para os milicianos se aproximarem. Eles apresentam seu relato, respondem a algumas perguntas, esforçam-se para explicar por que deixaram que se formasse tamanha aglomeração nas ruas. Em seguida é a vez do Cicatriz se justificar. Ele se inclina na direção do juiz, que parece conhecê-lo de longa data, e começa um monólogo animado.

Abu-Tahir ouve atentamente, sem deixar transparecer suas emoções. Então, depois de alguns instantes de reflexão, ordena:

— Digam à multidão para se dispersar. Que cada um volte para casa pelo caminho mais curto, e — dirigindo-se aos agressores — vocês também, voltem para casa! Nada será decidido antes de amanhã. O acusado ficará aqui esta noite, meus guardas o vigiarão, e mais ninguém.

Surpreso por ser tão rapidamente convidado a se retirar, Cicatriz esboça um protesto, mas logo desiste. Prudente, de rabo entre as pernas, retira-se com uma reverência.

Quando se vê diante de Omar, tendo como testemunhas apenas seus homens de confiança, Abu-Tahir profere esta enigmática frase de boas-vindas:

— É uma honra receber aqui o ilustre Omar Khayyam de Nichapur.

Nem irônico nem caloroso, o juiz. Nenhuma emoção revelada. Tom neutro, voz calma, turbante enrolado na cabeça, sobrancelhas espessas, barba grisalha sem bigode, interminável olhar perscrutador.

A acolhida parece ainda mais ambígua pelo fato de Omar estar no recinto há uma hora, em pé e esfarrapado, exposto a todos os olhares, aos risos, aos cochichos.

Depois de alguns segundos inteligentemente destilados, Abu-Tahir acrescenta:

— Omar, você não é um desconhecido em Samarcanda. Apesar de sua pouca idade, sua ciência já é proverbial, suas proezas são contadas nas escolas. É verdade que você leu sete vezes em Isfahan uma obra volumosa de Ibn-Sina e que, de volta a Nichapur, reproduziu-a palavra por palavra, de memória?

Khayyam ficou lisonjeado ao ver que sua proeza, autêntica, era conhecida na Transoxiana, mas sua inquietação não se dissipou. A referência a Avicena na boca de um juiz do rito chafeísta não era nada tranquilizadora; além do mais, ainda não havia sido convidado a sentar-se. Abu-Tahir prosseguiu:

— Não apenas suas proezas são transmitidas de boca em boca; quadras bem curiosas também são atribuídas a você.

Sua fala é controlada, ele não acusa, mas também não inocenta, e interroga indiretamente. Omar julga que chegou o momento de romper o silêncio:

— O *rubai* que o Cicatriz repete não é meu.

Girando a mão no ar com impaciência, o juiz descarta o protesto. Pela primeira vez seu tom é severo:

— Pouco importa que você tenha composto um verso ou outro. Chegaram a mim palavras tão ímpias que, de citá-las, eu me sentiria tão culpado quanto quem as proferiu. Não estou querendo que confesse, não estou querendo lhe aplicar uma pena. Essas acusações de alquimia entram por um ouvido e saem pelo outro. Estamos sozinhos, somos dois homens de ciência, quero apenas saber a verdade.

Omar não se sente seguro, teme uma armadilha, hesita em responder. Já se imagina entregue ao carrasco para ser estropiado, emasculado ou crucificado. Abu-Tahir eleva a voz, quase grita:

— Omar, filho de Ibrahim, fabricante de tendas de Nichapur, você sabe reconhecer um amigo?

Há na frase um tom sincero que toca Khayyam. “Reconhecer um amigo?” Considera a pergunta com seriedade, contempla o rosto do juiz, examina sua expressão, o tremular de sua barba. Lentamente, vai ganhando confiança. Seus traços se tranquilizam, relaxam. Desvencilha-se dos guardas, que, depois de um gesto do juiz, não mais o seguram. Então senta-se, mesmo sem ser convidado. O juiz sorri com bonomia, mas retoma de imediato o interrogatório:

— Você é o descrente que alguns descrevem?

Mais que uma pergunta, é um grito de angústia e Khayyam não vai decepcioná-lo:

— Desconfio do zelo dos devotos, mas nunca disse que o Um era dois.

— Nunca pensou isso?

— Nunca, Deus é testemunha.

— Para mim, isso basta. Para o Criador também, creio eu. Mas não para a multidão. Observam suas palavras, seus mínimos gestos, os meus também, assim como os dos príncipes. Ouviram você dizer: “Vou às vezes às mesquitas, onde a sombra é propícia ao sono”...

— Só um homem em paz com seu Criador poderia dormir num lugar de culto.

Apesar da expressão de dúvida de Abu-Tahir, Omar se inflama e acrescenta:

— Não sou desses cuja fé é apenas medo do Julgamento, cuja prece é apenas prostração. Meu jeito de rezar? Contemplo uma rosa, conto as estrelas, maravilho-me com a beleza da criação, com sua ordem perfeita, com o homem, a mais bela obra do Criador, com seu cérebro ávido por conhecimento, seu coração ávido de amor, com seus sentidos, todos os sentidos, despertados ou realizados.

Com olhos sonhadores, o juiz se levanta, vai sentar-se ao lado de Khayyam, apoia em seu ombro uma mão paternal. Os guardas trocam olhares surpresos.

— Escute, meu jovem amigo, o Todo-Poderoso lhe deu o que um Filho de Adão pode ganhar de mais precioso: a inteligência, a arte do discurso, a saúde, a beleza, o desejo de saber, de aproveitar a existência, a admiração dos homens e, imagino, os suspiros das mulheres. Espero que não tenha privado você da sabedoria, da sabedoria do silêncio, sem a qual nada disso pode ser apreciado ou conservado.

— Precisaréi ficar velho para dizer o que penso?

— No dia em que você puder dizer tudo o que pensa, os descendentes de seus descendentes já terão envelhecido. Estamos na idade do segredo e do medo, você deve ter dois semblantes, mostrar um para a multidão e outro para si mesmo e para seu Criador. Se quer guardar seus olhos, seus ouvidos e sua língua, esqueça que tem olhos, ouvidos e língua.

O juiz se calou, seu silêncio foi abrupto. Não um silêncio desses que pedem as palavras do outro, mas dos que ameaçam e preenchem o espaço. Omar espera, olhando para o chão, deixando o juiz escolher entre as palavras que se embaralham em sua cabeça.

Abu-Tahir, entretanto, respira profundamente e dá a seus homens uma ordem seca. Eles se afastam. Quando fecham a porta, vai até um canto do aposento, levanta uma cortina e depois a porta de um cofre de madeira adamascada. Tira dali um livro que oferece a Omar com gesto cerimonioso. Suavizado, é verdade, por um sorriso protetor.

Pois bem, esse livro é o mesmo que eu, Benjamin O. Lesage, teria um dia em minhas próprias mãos. Ao toque, sempre foi igual, suponho. Um couro espesso, áspero, relevos em forma de cauda de pavão, bordas de folhas irregulares, gastas. Quando Khayyam o abre, no entanto, naquela inesquecível noite de verão, contempla apenas 250 páginas em branco, sem poemas ainda, sem pinturas, sem comentários nas margens, sem iluminuras.

Para mascarar sua emoção, Abu-Tahir adota um tom de camelô:

— É *kagaz* chinês, o melhor papel já produzido nos ateliês de Samarcanda. Um judeu do bairro de Maturid fabricou a meu pedido, seguindo uma antiga receita, inteiramente à base de amoreira-branca. Passe a mão, tem o mesmo toque da seda.

Pigarreia antes de explicar:

— Tive um irmão, dez anos mais velho que eu, que tinha sua idade quando morreu. Esquartejado, na cidade de Balkh, por ter escrito um poema que não agradou ao soberano do momento. Acusaram-no de professar uma heresia, não sei se era verdade, mas culpei meu irmão por ter arriscado a vida por um poema, um miserável poema pouco mais longo que um *rubai*.

Sua voz falha, levanta-se sem fôlego:

— Guarde esse livro. Cada vez que um verso tomar forma em sua mente, que se aproximar de seus lábios, procurando sair, reprima-o sem dó; em vez de recitá-lo, escreva-o nessas folhas, que guardarão o segredo. E, ao escrever, pense em Abu-Tahir.

Saberia o juiz que com aquele gesto, com aquelas palavras, dava vida a um dos segredos mais bem guardados da história das letras? Que seria preciso esperar oito séculos até que o mundo descobrisse a sublime poesia de Omar Khayyam, até que seu *Rubaiyat* fosse venerado como uma das obras mais originais de todos os tempos, até que fosse enfim conhecido o estranho destino do manuscrito de Samarcanda?